

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM VACARIA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

FRANCIELLE HOFFMANN GONÇALVES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

| A educomunicação como aliada no ensino e na aprendizagem da educação ambiental

VACARIA

2020

FRANCIELLE HOFFMANN GONÇALVES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A educomunicação como aliada no ensino e na aprendizagem da educação ambiental

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Ciências Agrárias da Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Guilherme Kunde
Braunstein.

VACARIA

2020

Catalogação de publicação na fonte (CIP)

G635t Gonçalves, Francielle Hoffmann

Trabalho de conclusão de curso: a educomunicação como aliada no ensino e na aprendizagem da educação ambiental/ Francielle Hoffmann Gonçalves. – Vacaria, 2020.

29 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul Curso de Graduação em Ciências Agrárias: Licenciatura, Unidade em Vacaria, 2020.

Orientador: Prof. Me. Guilherme Kunde Braunstein

1. Educação Ambiental. 2. Educomunicação. 3. Conhecimentos. 4. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). I. Braunstein, Guilherme Kunde. II. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Graduação em Ciências Agrárias: Licenciatura, Unidade em Vacaria. III.

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Marcelo Bresolin CRB 10/2136

RESUMO

Este trabalho é baseado em pesquisa bibliográfica, a qual objetiva reconhecer a educomunicação aliada a educação ambiental sendo ferramenta que auxilia para a conscientização e relação ao cuidado com o meio ambiente. Ressalta-se que a educomunicação é estratégica inovadora que auxilia o trabalho docente e propicia aos educandos construir novos conhecimentos de maneira significativa, além de possibilitar aos mesmos refletirem sobre os diversos acontecimentos no que se refere ao meio ambiente, além de desenvolver com isso a criticidade dos educandos. Quando aliada à educação ambiental, a educomunicação possibilita aos educandos construir conhecimentos de maneira mais significativa e relacionar a realidade vivida com que está nos livros didáticos. É possível acrescentar que a educomunicação possibilita ao docente trabalhar em uma perspectiva dialógica, coletiva e participativa.

Palavras-Chave: Educação Ambiental. Educomunicação. Educando. Conhecimentos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
1.1 OBJETIVO GERAL	06
1.2 OBEJTIVOS ESPECIFIVOS.....	06
2 A EDUCOMUNICAÇÃO ALIADA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO FERRAMENTA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO NAS ESCOLAS.....	07
3 A ESCOLA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	14
4 EDUCOMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS.....	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

O desequilíbrio ambiental é um problema que preocupa a sociedade, a exploração sem limites dos recursos naturais exige que haja uma maior conscientização dos cidadãos, uma vez que a preservação do meio ambiente está diretamente ligada com a preservação da vida.

Neste contexto, a escola se torna terreno fértil para que sejam desenvolvidas estratégias de conscientização. Diante disto, é importante destacar o papel da educomunicação, esta, utiliza-se de ferramentas midiáticas para que se possa abordar o tema de forma criativa e com maior significado para os educandos. De acordo com Tassara (2008, p.80) a educomunicação corresponde a:

[...] processos de comunicação com intencionalidade educacional expressa e que envolve a democratização dos processos de produção e de gestão da informação em todos os veículos de comunicação e formatos audiovisuais. Processos de educomunicação podem ser definidos, também, como processos educativos que visam levar à apropriação das linguagens midiáticas e à produção democrática e autônoma de produtos de comunicação (audiovisuais, vídeos, programas de televisão e de rádio, jornais, revistas etc.), por meio dos quais os participantes passam a exercer seu direito de produzir informação e comunicação, divulgando suas ações e opiniões.

A partir desta importante ferramenta para o fazer docente e para maior conscientização dos educandos sobre a preservação ambiental este trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica, a qual objetiva reconhecer a educomunicação aliada a educação ambiental sendo ferramenta que auxilia para a conscientização e relação ao cuidado com o meio ambiente.

É importante acrescentar que a educomunicação é ferramenta que potencializa o processo de ensino-aprendizagem, favorecendo a interdisciplinaridade, e ainda permite ao educando um posicionamento crítico sobre os diversos assuntos trabalhados. Evidencia-se que aliar a educomunicação ao fazer docente é propiciar que o educando construa conhecimentos que vão além dos conhecimentos escolares, se tornando importantes ferramentas que possibilitam ao docente utilizar diferentes metodologias de maneira criativa.

Um ambiente escolar educ comunicativo caracteriza-se, justamente, pela opção de seus contrutores pela abertura à participação, garantindo não apenas a boa convivência entre as pessoas (direção-docentes-estudantes), mas, simultaneamente, um efetivo diálogo sobre as práticas educativas (interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pedagogia de projetos),

elementos que conformam a “pedagogia da comunicação”. Quando falamos, pois, de ecossistema comunicativo no espaço do Ensino Médio, estamos nos referindo a um projeto educativo que tem como meta a qualidade dos relacionamentos, associada à busca por resultados mensuráveis, estabelecidos a partir de uma proposta comunicativa negociada no âmbito da comunidade educativa. (SOARES, 2012, p. 42).

Ressalta-se que esta nova forma de trabalho exige aperfeiçoamento constante, pois o docente deve estar preparado não somente para repassar o conteúdo que estão nos livros didáticos para os educandos, é necessário instigá-los a posicionar-se de maneira crítica frente aos fatos ocorridos.

Desta forma, aliar a educação ambiental e as ferramentas da educomunicação é tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, além de auxiliar no desenvolvimento de competências e habilidades por meio da reflexão acerca da realidade em que os educandos estão inseridos.

1.1 OBJETVO GERAL

Reconhecer a educomunicação aliada à educação ambiental enquanto ferramenta que auxilia para a conscientização em relação ao cuidado com o meio ambiente.

1.2 OBJETVOS ESPECIFICOS

- Identificar associações entre educomunicação e educação ambiental;
- Avaliar o papel da escola na educação ambiental;
- Verificar a educomunicação enquanto ferramenta para a construção de conhecimentos.

2 A EDUCOMUNICAÇÃO ALIADA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL, COMO FERRAMENTA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO NAS ESCOLAS

A educomunicação busca que haja uma inter-relação entre as práticas comunicativas e a educação, onde este processo busca por meio de uma intencionalidade educacional formas de desenvolver ecossistemas comunicativos.

Isto corresponde a fazer com que a tecnologia, a velocidade e a rapidez com que circulam as informações comecem a fazer parte do cotidiano escolar e possibilitem que haja um diálogo e o saber possa ser compartilhado, desmistificando a ideia de que o professor é o único detentor do saber.

Tais ecossistemas, criam novos modos de dispersar a informação, diversificando linguagens por meio de dispositivos midiáticos, havendo novas linguagens, como afirmam Moreira e Silva (2013) ao citar que estes “são formados pelas novas tecnologias, presentes em nossa cotidianidade, condicionando comportamentos e produzindo novos significados” (p.113). Isto corresponde a dizer que as tecnologias auxiliam para um estudo colaborativo, onde o professor se torna um facilitador e mediador do conhecimento, vindo ao encontro do que promulga Freire (2002), quando refere-se que o processo educativo não deve transferir conhecimentos, mas sim que se crie situações para que haja a construção do conhecimento.

Também pode-se dizer que tal processo possibilita que educador e educando troquem saberes mediados pelas inovações tecnológicas, onde diferentes opiniões e ideias enriquecem o processo de construção do conhecimento.

Ao falar da educomunicação ambiental, Costa (2008) destaca que esta possibilita que o professor por meio de seu fazer pedagógico trabalhe com os alunos a interação entre homem, sociedade e natureza. Onde a aprendizagem se estabelece por meio do diálogo e o foco se torna o equilíbrio entre a relação do homem com o meio ambiente.

Neste sentido, destaca-se que:

A educomunicação parte desse pressuposto para se definir como conjunto das ações voltadas para à criação de ecossistemas comunicativos, abertos e criativos em espaços educativos, favorecedores tanto de relações dialógicas entre pessoas e grupos humanos, quanto de uma apropriação criativa dos recursos da informação nos processos de produção da cultura e da difusão do conhecimento (LINDOSO, 2008, p.07)

Sendo assim, a educomunicação revela a utilização de práticas comunicativas que levem as pessoas a um agir comprometido com a sustentabilidade. Além de, trabalhar buscando uma formação cidadã. Se torna uma busca da construção harmônica da relação do homem com o meio ambiente. Também se torna possibilidade de unir saberes científicos e populares, na busca de ações que promovam mudanças e vislumbrem uma educação ambiental.

Então, ressalta-se desta forma o compromisso educativo, sendo que ao inserir a educação em uma dimensão ambiental, onde a escola é o *locus* da formação do indivíduo se estará auxiliando na construção de um conhecimento crítico. Desta forma, é necessário que se criem espaços de discussão sobre a temática ambiental e a qualidade de vida do ser humano para que a escola consiga se tornar transformadora da realidade.

É necessário que se volte atenção para a temática ambiental, a qual é tarefa necessária e urgente na busca de construir uma nova racionalidade ambiental. Desta forma, ressaltam-se as ideias de que “não existe educação ambiental se ela não efetivar na prática, na vida, a partir das necessidades sentidas”. (PELICIONI; PHILIPPI, 2005, p.28).

A preocupação com a temática ambiental também se faz presente na Constituição Federal, em seu artigo 225, a qual assegura:

Todos têm direito ao meio ambiente, ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988, p. 103).

E, sendo assim destaca-se o importante papel da escola na formação de indivíduos com valores e atitudes comprometidas com a sustentabilidade. Chalita, G. (2004, p.34) ressalta a importância da prática educativa, uma vez que esta:

Constitui-se na mais poderosa de todas as ferramentas de intervenção no mundo para a construção de novos conceitos e conseqüente mudança de hábitos. É também instrumento de construção do conhecimento e a forma com que todo o desenvolvimento intelectual conquistado é passado de uma geração a outra, permitindo, assim, a máxima comprovada de cada geração que avança um passo em relação à anterior no campo do conhecimento científico e geral.

Ao falar em educação ambiental, vários autores, pesquisadores e cidadãos percebem a educação como primordial para que haja a construção coletiva de ações voltadas ao cuidado e a preservação de tudo que está ligado ao meio ambiente, visto que,

interfere profundamente na qualidade de vida de todos os seres e de suas gerações vindouras.

Portanto, pensar em uma educação ambiental é implicitamente pensar no ato educativo, na escola, no fazer docente. Todavia, sabe-se que esta não é uma atividade neutra e está sempre permeada de valores e ideologias, porém, o que realmente importa é que a escola consiga formar um cidadão que reconheça que sua vida na terra está condicionada a preservação dos recursos naturais.

Nesta perspectiva Tozoni-Reis (2007) evidencia que a humanidade entrou na modernidade com novas estruturas de poder e com novos problemas políticos, sociais e também ambientais. Cabendo à educação tentar modificar visões, já que trabalha na formação das pessoas fazendo com que essas modifiquem suas formas de perceber o meio ambiente.

A partir do processo educativo, os princípios da educação ambiental crítica podem criar condições para o enfrentamento da crise estrutural que estamos vivendo a cada dia, resultante do modo de produção capitalista. Logo, entendemos a educação ambiental crítica como um processo político da apropriação crítica e reflexiva de conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos que tem como objetivo a construção de uma sociedade sustentável do ponto de vista ambiental e social – a educação ambiental transformadora e emancipatória (TOZONI-REIS, 2007, p. 179).

Desta forma, pode-se dizer que cabe ao docente refletir sobre sua ação didático pedagógica a fim de oferecer aos alunos uma educação ambiental que instrumentalize suas ações, não sendo apenas atividades que sensibilizem, mas sim, as que interfiram no modo de agir e pensar a fim de que consigam enfrentar a problemática ambiental. O trabalho voltado a uma educação ambiental precisa “ser criativo, construído ou pelo menos descoberto pelo aluno e com este, através de suas ações e vivências, através disso, o discente chegará aos conceitos que precisa para ter clareza do que está sendo ensinado” (Silva *et.al*, 2014, p.83).

Pode-se dizer que o fazer docente não pode ser vazio de significado, ou uma ação mecanizada apenas para dizer que trabalha com educação ambiental, mas sim, deve ser uma prática voltada para construção de atitudes permanentes, alicerçadas em valores e numa visão que percebe o mundo como uma rede de ligações onde sociedade e meio ambiente são extremamente dependentes.

É preciso compreender que a práxis pedagógica deve estar consciente que a educação ambiental é um processo que ocorre por meio da ação política e da reflexão, e,

comportamentos institucionalizados não irão cumprir a real função educativa ambiental, que é formar no aluno a consciência planetária.

Cabe ao educador perceber a interação que existe entre a sociedade e o meio ambiente, como assinala Carvalho (2006, p. 82):

[...] é indissociável a interação entre o mundo natural e o social, da qual resultam as condições de vida humana na Terra e as marcas dessa presença na natureza, as quais criam permanentemente, no mundo, novos cursos de vida, fluxos de comunicação e paisagens tanto naturais quanto culturais.

Então, pode-se assim dizer que tudo está em estreita relação, e é a partir dessa que o professor deve alicerçar suas ações, visto que não se está formando um aluno para alguns períodos ou mesmo um ano letivo, se está formando para vida.

Faz-se importante destacar aqui a Carta da Terra (2000, p.6), a qual indica a necessidade de “[...] Oferecer a todos, especialmente a crianças e jovens, oportunidades educativas que lhes permitam contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável”.

Portanto, a educação ambiental deve voltar ações para o bem comum, considerando que na Terra há uma finitude de recursos, por isso, ela deve ser componente essencial na formação dos educadores. E, estes devem levar os alunos a perceber que os problemas de degradação ambiental começam em seu entorno, em sua realidade, com suas ações, trabalhar do global para o local e vice-versa na busca de formar um cidadão mais consciente e apto para atuar e decidir na realidade socioambiental, preocupando-se com o bem-estar de cada um. Porém, isso só será possível no momento em que se trabalhar mais do que conceitos e informações, e, sim com valores, com ações práticas, onde o aluno possa entender e vivenciar o amor a natureza, a necessidade da conservação ambiental como forma de amor próprio.

Sendo assim, as propostas pedagógicas para educar ambientalmente devem estar centradas na conscientização, na mudança de atitudes e comportamentos que visem uma harmonia do ser humano com a natureza, onde o professor deve entender que o aluno está inserido num local que as ações humanas degradam o meio ambiente. O PCN de Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias enfatiza que:

[...] aprender Biologia na escola básica permite ampliar o entendimento sobre o mundo vivo e, especialmente, contribui para que seja percebida a singularidade da vida humana relativamente aos demais seres vivos, em função de sua incomparável capacidade de intervenção no meio. Compreender essa

especificidade é essencial para entender a forma pela qual o ser humano se relaciona com a natureza e as transformações que nela promove. Ao mesmo tempo, essa ciência pode favorecer o desenvolvimento de modos de pensar e agir que permitem aos indivíduos se situar no mundo e dele participar de modo consciente e consequente. (BRASIL,2006, p 34)

A educação ambiental deve ser trabalhada desde a tenra idade, visto que é importante despertar desde cedo na criança a ideia de consciência e cuidado ambiental, de acordo com os princípios éticos, políticos e estéticos traçados pela Base Nacional Comum Curricular, em seu capítulo 3.2 (Educação Infantil no contexto de Educação Básica), salienta que durante a educação infantil, crianças de 4 anos até 5 anos e 11 meses, podem “identificar e selecionar fontes de informações, para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação”. Assim, iniciando com simples ações a preservar os recursos naturais, sabendo que é preciso haver equilíbrio entre o homem e a natureza.

Por isso, acredita-se que o compromisso do professor também é político, então, deve estar sempre realizando uma leitura crítica sobre a sociedade, para que possa refletir a sua atuação e se torne um verdadeiro educador ambiental.

O agir docente deve ser realmente alicerçado no que promulgam as Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Ambiental os objetivos a serem concretizados são:

- I- Desenvolver a compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações para fomentar novas práticas sociais e de produção e consumo;
- II- Garantir a democratização e o acesso às informações referentes à área socioambiental;
- III- Estimular a mobilização social e política e o fortalecimento da consciência crítica sobre a dimensão socioambiental;
- IV- Incentivar a participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como valor inseparável do exercício da cidadania;
- V- Estimular a cooperação entre as diversas regiões do País, em diferentes formas de arranjos territoriais, visando `construção de uma sociedade ambientalmente justa e sustentável;
- VI- Fomentar e fortalecer a integração entre ciência e tecnologia, visando a sustentabilidade socioambiental;
- VII- Fortalecer a cidadania, a autodeterminação dos povos e a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e da interação entre as culturas, como fundamentos para o futuro da humanidade;
- VIII- Promover o cuidado com a comunidade de vida, a integridade dos ecossistemas, a justiça econômica, a equidade social, étnica, racial e de gênero e o diálogo para a convivência e paz;

IX- Promover os conhecimentos dos diversos grupos sociais formativos do País que utilizam e preservam a biodiversidade (BRASIL, 2012, p.70)

Então, o professor deve levar o educando a refletir que suas ações em relação com o meio ambiente geram consequências para sua vida e dos outros, é tão conhecida e pouco colocada em prática educação ambiental, a que trabalha

[...] formando cidadãos que possam responder pelo processo de mudanças do atual estado ambiental da Terra. Como a educação tradicional não prepara os indivíduos para a complexa realidade global, a educação ambiental torna-se uma necessidade, um processo contínuo e permanente que deve abranger todos os níveis escolares e etapas da educação formal e informal (KONDRAT; MACIEL, 2013).

É momento em que o educando se percebe como sujeito para que as mudanças se efetivem, sabendo que é cidadão consciente de seu agir, pois a educação voltada ao meio ambiente objetiva que o aluno adquira consciência de que seus atos interferem o presente e o futuro da humanidade, é trabalho também o caráter humanista.

No entanto, tarefa muito difícil ao docente mobilizar para um agir diferente em uma sociedade cada vez mais consumista, transformar a ideia da exploração para a fonte de vida que é o ambiente é desafio.

Dentro deste debate convém assegurar a

[...] clara a necessidade de mudar o comportamento do homem em relação à natureza, no sentido de promover sob um modelo de desenvolvimento sustentável (processo que assegura uma gestão responsável dos recursos do planeta de forma a preservar os interesses das gerações futuras e, ao mesmo tempo atender as necessidades das gerações atuais), a compatibilização de práticas econômicas e conservacionistas, com reflexos positivos evidentes junto à qualidade de vida de todos (PEDRON; ROSA, 2011, p.313).

Mais do que repassar conhecimentos a educação estará voltada ao repensar ao informar para transformar, é mudar valores que estão ligados à exploração para uma sociedade justa e sustentável.

Sendo assim, Silva e Tavares (2009, p.152) colaboram ao salientar que ao trabalhar com a educação ambiental o docente desperta nos alunos

[...] a consciência de que o ser humano é parte do meio ambiente e assim superar a visão antropocêntrica, que fez com que o homem se sentisse sempre o centro de tudo esquecendo a importância da natureza, da qual é parte integrante. A educação ambiental tem que estimular o fortalecimento da consciência crítica sobre a problema ambiental, incentivando à participação individual e coletiva, de forma permanente e responsável. Os cidadãos têm que adquirir consciência de que através da defesa do meio ambiente esta sendo preservada também a qualidade de vida humana e o futuro da humanidade.

Assim, a educação ambiental se dá pelo fortalecimento da cidadania através da defesa da qualidade ambiental com caráter humanista, holístico, interdisciplinar e participativo.

Pode-se dizer que a educação ambiental é uma importante ferramenta que leva o educando a constatar as diversas transformações ambientais, e refletir sobre tais modificações. Entendendo que estas interferem de forma direta na vida de todos, ou seja, a preservação do meio ambiente deve ser tarefa levada a sério, sua efetivação depende de um trabalho coletivo, visto que o futuro da humanidade depende diretamente desta relação.

3 A ESCOLA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A escola não pode somente denunciar e visualizar os problemas relacionados ao meio ambiente, mas buscar desenvolver atitudes que visem a mudança, por isso, só reproduzir conhecimentos acabados e verdades “absolutas” de nada adianta, é preciso que ações que levem a todos a reflexão se faz necessário, sendo assim, deve-se educar para o cuidado ambiental.

É importante que sejam apresentadas praticas ecologicamente corretas para incutir uma conscientização a cerca do meio ambiente desde cedo, e a escola tem a responsabilidade de dar suporte para o desenvolvimento de uma educação Ambiental de qualidade, estabelecendo o meio ambiente como patrimônio de todos, desenvolvendo atividades artísticas, experiências práticas, atividades fora de sala de aula, projetos, etc., conduzindo os alunos a serem agentes ativos e não passivos e meros espectadores.(ÂMBITO JURIDIO, 2011).

A educação ambiental é prática urgente, uma necessidade a fim de que o homem possa viver em harmonia com o meio em que vive uma vez que o consumismo exacerbado, o desenvolvimento, a poluição, o uso desenfreado de bens materiais está levando o planeta a exaustão, como destaca Kapp (apud Leff, 2001, p 45):

A problemática ambiental converteu-se numa questão eminentemente política. Os conflitos socioambientais emergem de princípios éticos, direitos culturais e lutas pela apropriação da natureza que vão além da internalização dos custos ecológicos para segurar um crescimento sustentado. As identidades culturais e os valores da natureza não podem ser contabilizados e regulados pelo sistema econômico. A pobreza, a degradação ambiental, a perda de valores e práticas culturais e a equidade transgeracional; a produtividade natural e a regeneração ecológica, degradação entrópica de massa e energia, o risco e a incerteza- todas essas “externalidades” - constituem processos incomensuráveis que não podem ser reabsorvidos pela economia conferindo-lhes um padrão comum de medida através dos preços de mercado.

Portanto, se há uma preocupação com a qualidade de vida, perpetuação das espécies e gerações futuras, a educação ambiental se faz necessária, uma vez que o meio ambiente é o resultado da interação do natural com o social, da natureza com a sociedade.

Sabe-se que a educação ambiental é prática interdisciplinar, ou seja, todo educador deve preocupar-se em formar um ser humano capaz de viver em harmonia com o ambiente sendo responsável por suas ações.

Com isso, a educação ambiental tem se constituído em um campo de formação e de práticas educativas multi e interdisciplinares nos sistemas de ensino. Ela reúne um grande número de educadores que são parte de um processo social e histórico de internalização do debate e da preocupação ambiental, num amplo espectro de áreas do saber e da prática profissional. Buscou-se ainda a continuidade de estratégias bem-sucedidas das gestões precedentes, otimizando-se esforços e recursos, considerando, contudo, uma forte expansão em novas frentes de ações (BRASIL, 2007, p. 29).

Grün (2007, p.18) destaca que “a Conferência de Tbilisi tem sido apontada como um dos eventos mais decisivos nos rumos que a educação ambiental vem tomando em vários países, inclusive no Brasil”.

Destaca-se que em 1983, a Organização das Nações Unidas criou a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a qual publica o relatório “Nosso Futuro Comum”, que posteriormente dá origem a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – RIO 92, onde se retomou o documento da Conferência de Tbilisi para educação ambiental na Agenda 21, ampliando seus princípios, reorientando com isso o ensino formal e informal, salientando que é preciso modificar atitudes.

Enfatiza-se que, conforme a Agenda 21, em seu capítulo 36 o ensino, “inclusive o ensino formal, a conscientização pública e o treinamento devem ser reconhecidos como um processo pelo qual os seres humanos e as sociedades podem desenvolver plenamente suas potencialidades”.

Então, ressalta-se desta forma o compromisso educativo, sendo que ao inserir a educação em uma dimensão ambiental, onde a escola é o *locus* da formação do indivíduo se estará auxiliando na construção de um conhecimento crítico. Desta forma, é necessário que se criem espaços de discussão sobre a temática ambiental e a qualidade de vida do ser humano para que a escola consiga se tornar transformadora da realidade.

A questão ambiental passa do estudo do local em que se vive até as questões mundiais, portanto, pautar seu agir em uma educação voltada ao ambiente. São várias as ações no mundo voltadas ao cuidado com o Meio Ambiente. E, por isso, o homem não pode esquecer é que depende da natureza para sua vida, sendo esta a fonte primária de todo o mundo.

Remígio (2012, p. 20) em relação ao assunto em discussão enfatiza que:

Sabemos que o espaço geográfico está em constantes transformações, nos permitindo várias visões sobre o mesmo. Entretanto, estas “transformações” envolvem a degradação ambiental. Ações antrópicas permitem na atual conjuntura um alto índice de degradação ambiental, o homem ao longo dos anos visa somente o lucro econômico, deixando de lado a preservação do espaço que habitam. A necessidade de preservação está evidente em nossas vidas, o meio ambiente pede socorro, e somos homens integrantes deste espaço que devemos nos propor a conscientizar e preservar.

O autor reforça o compromisso do ser humano, sua responsabilidade perante a natureza, é preciso levar este ser a reflexão de seu agir. Ensiná-lo a observar seus atos com criticidade, percebendo que tudo está interligado, e, simples ações podem ter impactos grandiosos.

O estudo escolar de forma crítica possibilita que os alunos reflitam sobre a realidade, interferindo sobre ela de uma maneira mais consciente. Porém, isto só ocorre se estes forem levados a refletir, não baseados somente em conceitos teóricos e explicações, mas sim, quando o estudo da teoria leva a reflexão sobre a prática, quando se reflete sobre as relações socioculturais, quando se leva o aluno a pensar com responsabilidade sobre suas ações.

O conhecimento geográfico gera também uma tomada de consciência. É preciso que o docente também seja alguém reflexivo que reconheça que “o espaço pode ser uma ferramenta para cada cidadão, não somente um meio de compreender melhor o mundo e seus conflitos” (LACOSTE, 1998, p.256).

Desta forma, cabe ao professor trabalhar em prol de formar no educando uma consciência crítica, onde aos alunos seja dada a possibilidade de observar, analisar, refletir, para posterior compreender. Para isto, o currículo e a formação docente também precisam ser revistas, as metodologias inovadoras, onde o docente também saiba que só o livro didático não dá conta de formar este novo cidadão que a sociedade necessita.

A atualidade exige que o profissional e sua atuação modifique-se e adapte os currículos para as necessidades de seus alunos e encare com um novo olhar seus velhos problemas, e para “enfrentar os desafios postos atualmente na educação escolar é necessário uma formação profissional consistente” e é essa formação que proporciona ao professor a segurança para tratar os temas disciplinares e todos os assuntos referentes ao cotidiano escolar (REMIGIO, 2012, p.25-26).

Sendo assim, o professor também deve estar preparado para trabalhar como uma educação ambiental. Para isso, os cursos de formação devem ser revistos e o docente estar em constante formação. Convém lembrar que a escola, a educação ambiental, por vezes passam por visões ideológicas, mas cabe ao docente ter consciência de que sua ação não é neutra, seu saber não é cristalizado e imutável e que este deve estar a serviço do bem social, deixando de lado, portanto, a função reprodutora da escola e formando um real cidadão consciente de que suas ações transformam.

Cabe lembrar que as questões ecológicas se referem ao não correto e saudável, gerenciamento dos recursos naturais, e, educar para mudar de atitude é obrigação docente,

porém saber gerenciar tais recursos não é função exclusiva da escola, todos os setores da sociedade precisam estar imbuídos nesta tarefa.

Volta-se também atenção para a necessidade de humanizar a educação, pois como salienta Saviani (2000, p.14) “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

O aluno deve ser levado a pensar sobre a história, o percurso humano até chegar na situação atual, esclarecendo também que o ser humano tem livre arbítrio, o que permite mudar seu agir quando acreditar ser necessário.

Ressalta-se também que inserir uma educação ambiental é tarefa longa, pois não se mudam pensamentos e atitudes do dia para a noite, inculcar valores, posturas éticas e ambientalmente corretas é algo que leva tempo, que ocorre gradativamente, onde os resultados serão percebidos a longo tempo. Desta forma, é necessário que o aluno e o professor enxerguem “o meio ambiente como lugar onde se faz a história (o ambiente histórico e social), já que o ser humano tem responsabilidade sobre a crise ambiental que o mundo vive” (DICKMANN, 2010, p.27).

Cabe ao docente revelar ao aluno sua função cidadã, para que reconheça as ações agressoras que se comete ao meio ambiente e possa por meio desta reflexão aos poucos o ser humano mudar seu papel de explorador e agressor para um defensor do meio ambiente. É necessário mudar a relação homem/natureza, a qual devido a globalização deixa profundas marcas, pois na ânsia de acumular riquezas, de lucratividade, de consumismo tal é marcada pela exploração o que deixa a maioria populacional a mercê de uma troca doente entre o homem e o meio ambiente.

Ao falar numa consciência ambiental é preciso ir além do que uma simples tomada de consciência, mas sim, um pensar e fazer, eliminando uma visão passiva e ingênua, desenvolvendo a crítica e a autocrítica em relação as ações para com o meio ambiente.

Fato a observar é que, vive-se o inverso, ou seja, a natureza que está precisando se adaptar as mudanças causadas pelo estilo de vida humano. Em relação ao exposto Guimarães (2007, p.33) assinala que “os seres humanos superam, e muito, os seus limites biológicos de intervenção no meio, atingindo duramente a capacidade de suporte ao ambiente”. Portanto, se vive em um momento em que o Planeta dá sinais de esgotamento de recursos, a beira de um colapso, uma catástrofe ambiental. E, convém ressaltar que o homem é dependente dos recursos planetários, não é dono, como pensa, mas sim, precisa

agir de forma a garantir os recursos para manutenção de sua vida e das gerações vindouras.

Ressalta-se que a educação ambiental deve ser ação eficaz, que se expanda para além dos muros escolares. Para tanto, isto só ocorrerá no momento em que a forma de educar na escola se inove, ficando distanciada do tradicional. Fato que desafia os docentes em seu fazer a fim de desmistificar tais visões cristalizadas.

Inovar ainda representa um grande desafio para o ensino, pois conforme cita Oliveira.(2007, p.18):

[...] a falta de discussão de propostas inovadoras dificulta a renovação do ensino, especialmente de geografia, pois a educação deve se orientar de forma decisiva para formar as gerações atuais configurando novas possibilidades de ação. Isto nos remete a uma necessária reflexão sobre os desafios que estão sendo colocados para mudar as formas de pensar e de agir em torno na questão ambiental numa perspectiva contemporânea.

A educação escolar deve ser capaz de unir o social e o ambiental, observar as relações estabelecidas, e, neste diálogo é bem possível trabalhar a Educação Ambiental, levando em conta o que versam as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental:

A Educação Ambiental deve avançar na construção de uma cidadania responsável voltada para cultura de sustentabilidade socioambiental, envolvendo o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, em que cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando, assim, a tomada de decisões transformadoras a partir do meio ambiente natural ou construído no qual as pessoas se integram. O reconhecimento do papel transformador e emancipatório da Educação Ambiental torna-se cada vez mais visível diante do atual contexto nacional e mundial em que se evidencia, na prática social, a preocupação com as mudanças climáticas, a degradação da natureza, a redução da biodiversidade, os riscos socioambientais locais e globais, as necessidades planetárias (BRASIL, 2012, p. 9-10).

Então, é preciso que em seu fazer o educando leve os alunos a reflexão contribuindo para a formação de cidadãos ativos e conscientes do meio em que vivem, considerando o meio ambiente como afirma Reigota (2010) um espaço de vivências e práticas sociais.

O professor deve levar o aluno a compreender o meio ambiente em sua totalidade para que a partir de tal percepção possam debater questões sociais, trabalhando uma visão holística, pois a partir desta é que será possível o aluno refletir sobre o domínio que o

homem exerce sobre os recursos naturais. E, desta forma salienta que este pode destruir ou preservar, dependendo de sua vontade e discernimento.

Reigota (2014, p.37) enfatiza que:

O processo de educação ambiental como educação política enfatiza a necessidade de se dialogar sobre e com as mais diversas definições existentes, para que o próprio grupo (alunos e alunas e professores e professoras) possa construir uma definição que seja a mais adequada para se abordar a problemática que se quer conhecer e, se possível, resolver.

Portanto, a tarefa educativa deve pautar-se no diálogo e participação onde os alunos devem ser levados a refletir sobre as questões que circundam seu espaço. É preciso desenvolver nos alunos a cidadania ambiental, como retrata Freire (2000, p. 66):

Nosso compromisso, enquanto cidadão nesta sociedade globalizada é o de uma visão mais clara e ampla com a qualidade ambiental para um presente e futuro próximo, onde o homem terá oportunidade a sua vez e voz, tendo como vista não o espaço próximo de ação, mas também o horizonte planetário.

Sendo assim, é que o professor leve o aluno a pensar crítica e ativamente sobre o meio em que vive, promovendo ações que tornem harmônica a relação natureza/sociedade, agindo de forma ética para com os recursos ambientais.

No entanto, salienta-se que tal trabalho desafia o docente, desacomoda, pois envolve pesquisa, análise da realidade e planejamento, uma vez que além de conhecer a realidade local, é preciso motivar os alunos e formar nos mesmos uma consciência cidadã, propiciando mudança de comportamento.

Loureiro (2012, p.86) salienta que para educar ambientalmente o aluno deve perceber “os ambientes de vida, a qual a posição ocupada pelos diferentes grupos e classes, bem como as implicações ambientais disso, para que uma mudança possa ser objetiva”.

É imprescindível oferecer aos alunos a possibilidade de reflexão, de aprofundar os conhecimentos, e, de um agir responsável onde se adquirem novos comportamentos.

Tamaio (2002, p.23) afirma que:

Atualmente atribuem à Educação Ambiental uma importância fundamental para a “obtenção de resultados” em favor da conservação e melhoria do meio ambiente. No entanto, diante de uma situação social complexa, a educação deve desempenhar um papel para favorecer o desenvolvimento de novos comportamentos individuais e coletivos que visem superar as condições históricas atuais.

No entanto, o professor para trabalhar com uma educação voltada a mobilização e a conscientização também deve receber formação para atuar de forma competente neste aspecto. O professor em sua formação deve ter contatos com discussões teóricas metodológicas que auxiliem a trabalhar em prol de uma Educação Ambiental, a qual muitas vezes recai sobre a escola toda a responsabilidade de educar para um ambiente sustentável.

É pertinente enfatizar que por não receber formação não quer dizer que o professor não possa buscar conhecimento, pesquisar e desenvolver um excelente trabalho em Educação Ambiental. Formar um aluno capaz de escrever sua cidadania e ter ações conscientes para o meio ambiente, além de reconhecer a necessidade de hábitos para o uso consciente da água e combater a poluição. Para isso, o professor deve ser sujeito ativo, dinâmico e pesquisador como ressalta Libâneo (1994 p.121). “[...] uma exigência indispensável para o trabalho docente, requerendo um posicionamento ativo do professor em sua explicação, seja no planejamento escolar, seja no desenvolvimento das aulas”.

Portanto, se o professor não problematizar, não perceber que as questões ambientais devem se fazer presentes no contexto escolar as mudanças estão longe de ocorrer e o docente continuará sendo alguém só preocupado em vencer grades curriculares estáticas.

A escola deve ser formativa e o trabalho ali realizado deve ser em prol de mudanças de atitudes na busca de formar o aluno como um cidadão crítico capaz de agir nos problemas socioambientais. E, o professor como educador ambiental deve ter consciência de seu papel e agir na busca de uma transformação social.

4 EDUCOMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS

A educomunicação é uma forma de trazer para a sala de aula as mídias, as quais são ferramentas valiosas para a construção do conhecimento, tornando o processo de construção do conhecimento mais dinâmico e significativo para os educandos.

Neste contexto, Faria Feliciano e Miranda (2008, p.14) acrescentam que:

Devido ao avanço tecnológico, na Educomunicação a aprendizagem acontece com a utilização da mídia em sala de aula, a fim de aprimorar o aprendizado e a desenvoltura, principalmente de crianças e adolescentes, por meio da elaboração de projetos comunicacionais voltados à educação.

É pertinente destacar que a Educomunicação pode ser considerada como metodologia que auxilia no desenvolvimento da criticidade dos alunos, uma vez que as diversas mídias são fontes inesgotáveis de notícias e não podem ser descartadas no processo educativo. A Educomunicação leva os educandos ao debate sobre diversos assuntos, levando os mesmos a expressarem suas opiniões acerca dos temas estudados.

O Campo da Educomunicação é compreendido, portanto, como um conjunto de ações que permitem que educadores e estudantes desenvolvam um novo gerenciamento, aberto e rico, dos processos comunicativos dentro do espaço educacional e de seu relacionamento com a sociedade. O Campo da Educomunicação incluiria, assim, não apenas relacionamentos de grupos (a área da comunicação interpessoal), mas também atividades ligadas ao uso de recursos de informações no ensino-aprendizagem (a área das tecnologias educacionais) bem como o contato com os meios de comunicação de massa (área de educação para os meios de comunicação) e seu uso e manejo (área de produção comunicativa). (CARLSSON; FEILITZEN, 2002, p. 264)

Diante do exposto, pode-se dizer que a educomunicação busca fazer com que o processo de construção de conhecimento se torna mais dinâmico e significativo para os educandos, tirando o educando da situação de passivo, o qual apenas recebe o conhecimento para a situação de sujeito ativo, o qual é parte fundamental para o processo da construção de novos conhecimentos, relacionando o que é aprendido com o que é vivido.

É importante destacar que “educação e comunicação juntas, buscam a formação de um sujeito que conheça seus direitos e responsabilidade perante a sociedade e faça uso disto para mudar sua realidade [...] designando um campo de ação social na interface entre educação e comunicação” (APARICI, 2016, p.14).

Utilizar a educomunicação em sala de aula é dar a chance ao educando de desenvolver sua criticidade, refletindo e opinando sobre os diferentes acontecimentos e como estes interferem na vida de todos.

É importante acrescentar também que a escola e os docentes não podem ficar alheios as novas tecnologias, é necessário trazer estas para a sala de aula. Sabe-se que o trabalho com livro didático é importante, mas só este instrumento não consegue desenvolver todas as capacidades necessárias para formar um cidadão consciente do importante papel que ocupa na sociedade, nem tampouco desenvolver no educando a capacidade de desenvolver uma postura sustentável.

É pertinente destacar que a educomunicação apresenta uma perspectiva

[...] dialógica e comunicativa o foco principal está em se distanciar da educação tradicional, verticalizada, para a educação com diálogo e com meios de comunicação atuando como ferramenta educativa, servindo de apoio para educadores. Essa visão se deve ter à medida que as tecnologias avançaram e estão cada vez mais ao alcance da população, e as inovações são exigidas pelo indivíduo em diversas instancias da sociedade, aqui podemos incluir a escola. Atualmente os alunos exigem mais do que simplesmente uma aula expositiva, de mão única, em que o professor se põe como autoridade máxima dentro da sala de aula. Aqui entra a necessidade de se trabalhar com meios inovadores e de interesse do aluno, sendo necessária a inclusão dos meios de comunicação, seja rádio, jornal, blog, etc., isso provoca um maior interesse por parte do educando, além de torna-lo sujeito ativo do processo (ELIAS, 2014, p.21)

Novamente enfatiza-se a importância do trabalho com educomunicação em sala de aula. É necessário que mais que adquirir conhecimentos os alunos participem de maneira ativa do processo de ensino-aprendizagem. É indispensável que o docente utilize metodologias que despertem no educando a curiosidade e o prazer em aprender, fato que não ocorre quando no processo de construção do conhecimento tem seu processo centrado apenas na figura docente.

A educomunicação traz para a sala de aula a possibilidade de se trabalhar com diferentes linguagens, as quais já são comuns no cotidiano dos educandos, e por meio destas se expressarem de maneira mais livre, sem possíveis “rótulos”. Aliar a construção do conhecimento com a utilização de diferentes mídias como rádios, jornais, reportagens entre outros é indispensável para que se atinjam os objetivos educacionais, visto que o processo educativo é muito mais rico e complexo que apenas o repasse de conhecimentos aos educandos.

Novamente destaca-se as ideias de Elias (2014, p.25) quando cita que falar em educomunicação é falar de,

[...] um campo de ação emergente que atua no cruzamento dos campos da educação e comunicação, e é como uma renovação das práticas sociais e educacionais, em que disponibiliza formas novas de ensinar/educar e aprender. A educomunicação ajuda a expandir a expressão de crianças e adolescentes, em que esses jovens ganham vozes perante a sociedade e os meios de comunicação, sejam eles massivos ou não. Além disso, a educomunicação estimula a prática da cidadania, a partir do momento que o educando assume a responsabilidade de ajudar na construção de uma sociedade harmônica e igualitária, onde não são as camadas mais altas e muito menos os poucos que são favorecidos e comandam as mídias que irão fazer. Assim sendo, o importante não são quais tecnologias que a escola possui, mas como são utilizadas, como são recebidas pelos alunos e de que forma transformam a sua participação nesses meios uma forma cidadã de ensinar e aprender.

A partir do citado, pode-se acrescentar que o uso destas tecnologias é ferramenta que enriquece o trabalho em sala de aula, visto que possibilitam que haja a aproximação entre os jovens e o conhecimento, oportunizando aos educandos o desenvolvimento da autonomia, a criatividade, criticidade e reflexão acerca das notícias veiculadas na mídia sobre os diferentes assuntos, pode-se acrescentar ainda que a educomunicação é ferramenta que permite a intervenção social.

Neste sentido Kaplún (2006) acrescenta que aliar comunicação e a construção de conhecimentos é caminho que permite construir e reconstruir conhecimentos, é refletir sobre os mais diversos assuntos e entender que todos os acontecimentos, principalmente os relacionados ao meio ambiente interferem na vida de todos os sujeitos, e que é dever de todos buscar meios para a conservação dos recursos e a prática de atitudes sustentáveis para que haja a manutenção da vida.

O mesmo autor ainda acrescenta que:

[...] há a necessidade de educar com a comunicação e não para a comunicação, em que o diálogo se faz necessário e presente na construção do saber dentro das escolas. Dessa forma os campos de educação e comunicação não são concorrentes, mas complementares, em que cada um ocupa seu lugar de importância na sociedade (KAPLUN, 2006, p.27-28).

É importante que se tenha clareza que a educomunicação e a utilização de diferentes mídias no processo de ensino-aprendizagem não busca substituir a figura docente, mas sim enriquecer este processo, trazendo meios para que o conhecimento se torne mais significativo para educandos, levando estes a utilizar-se de informações, e refletir sobre estas, entendendo que há uma estreita relação entre o que é estudado e o que é vivido, ou seja, o conhecimento é algo que está em constante transformação.

Faz-se necessário que se leve em consideração que:

[...] a escola não se faz mais interessante para o aluno na forma tradicional, pelo repasse de conhecimento por meio do professor. O jovem de hoje exige muito mais da educação, exige um processo de ensino-aprendizagem que venha ao encontro de seus interesses, pois visto como o mundo e as tecnologias se inovam e sofrem transformações, a escola deve acompanhar essas mudanças (ELIAS, 2014, p.27)

Sendo assim, é necessário que seja transformada a visão que se tem acerca do processo de construção do conhecimento, não se pode mais centrar este processo apenas na figura docente ou na utilização do livro didático. É necessário que o processo educativo seja pautado na participação e na troca de conhecimentos entre professor/aluno, aluno/aluno, dando espaço ao protagonismo do educando, dando espaço ao desenvolvimento das potencialidades, tornando o educando sujeito ativo na construção do conhecimento, possibilitando a este produzir diferentes conhecimentos, partindo da realidade vivenciada por cada um.

Para que essas competências sejam trabalhadas e exercitadas pelos educandos, é necessário que os jovens se desenvolvam além da sala de aula, ou seja, é preciso que o educador favoreça espaços em que o aluno possa desenvolver seu protagonismo tendo, de fato, o papel protagônico. Esse papel protagônico se dá quando o jovem tem atuação como foco principal de atividades ou projetos que sejam de cunho real, sejam eles problemas e casos da comunidade ou da escola em que o jovem está inserido (ELIAS, 2014, p.37).

Possibilitar ao educando um processo educativo com diferentes mídias, é permitir que este participe de um processo democrático, em que haja uma via de mão dupla, no qual o docente e alunos tanto aprendem quanto ensinam. É dar espaço para que os educandos passem de sujeitos passivos para sujeitos que refletem e se expressam, ou seja, seres que possuem posicionamento crítico e reflexivo sobre a realidade social.

Freire (2002, p.47) ao falar da utilização nas mídias em sala de aula destaca que:

Vê-se assim que a busca do conhecimento que se reduz à pura relação sujeito cognoscente-objeto cognoscível, rompendo a “estrutura dialógica” do conhecimento, está equivocada, por maior que seja sua tradição. Equivocada também está a concepção segundo a qual o fazer educativo é um ato de transmissão ou de extensão sistemática de um saber. A educação, pelo contrário, em lugar de ser esta transferência do saber – que o torna quase “morto” –, é situação gnosiológica em seu sentido mais amplo. Por isso é que a tarefa do educador não é a de quem se põe como sujeito cognoscente diante de um objeto cognoscível para, depois de conhecê-lo, falar dele discursivamente a seus educandos, cujo papel seria o de arquivadores de seus comunicados. A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Diante do exposto, é urgente que os docentes repensem seu fazer, utilizem-se de diferentes metodologias, as quais permitam aos educandos refletirem e atuarem de maneira ativa no processo de construção do conhecimento, posicionando-se de maneira crítica acerca dos assuntos trabalhados. Não se pode mais centrar o processo educativo apenas na leitura de textos e na resolução de atividades prontas. É indispensável que se trabalhe para a formação de um sujeito que saiba se expressar, posicionar-se diante dos fatos e refletir sobre os mesmos.

Pode-se acrescentar que utilizar a educomunicação em sala de aula é abrir espaço a um constante diálogo e troca de saberes e experiências entre educandos e docentes, e desta forma, construir espaço em que alunos, professores tenham voz ativa. Sendo assim o processo de aprendizagem, realmente atende ao princípio de espaço democrático, e não apenas espaço de acesso às informações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao utilizar da educomunicação como ferramenta auxiliar nas atividades pedagógicas para educar ambientalmente, se está visando um trabalho com um paradigma sustentável, o qual auxilie e potencialize os processos emancipatórios que contribuem para a transformação social, onde o aluno seja visto como sujeito capaz de transformar por meio de seu agir o meio ambiente para que este torne-se cada dia mais sustentável.

Frente a crise ambiental, é preciso uma educação que sensibilize, que oriente e que auxilie para que os alunos construam o desenvolvimento social e potencializem as atividades humanas voltadas a ética ambiental. Por meio da educomunicação é possível que se desenvolvam ações na busca da democratização e gestão da informação, aproveitando-se dos mais distintos materiais para o agir escolar. Sendo assim, pode-se afirmar que este estudo atingiu os objetivos no momento em que corroborou que as tecnologias da informação se tornam ferramentas auxiliares do ato de educar, onde o professor pode desenvolver múltiplas propostas.

Desta forma, é preciso que o docente em seu fazer reconheça o potencial que os materiais oferecidos por meio das tecnologias da informação e comunicação possuem para desenvolver a consciência ambiental. Portanto, a educomunicação como recurso para a educação ambiental é ferramenta lúdica e interativa que serve como forma de aproximar educador e educando, que alie a teoria, prática e reflexão, criando assim oportunidades inovadoras para que ao aluno reflita sobre sua ação como cidadão responsável com o meio ambiente.

Por fim, pode-se acrescentar que educomunicação aliada a educação ambiental é forma interdisciplinar de levar o aluno a perceber que deve ter participação ativa e responsável, podendo ser ação multiplicadora que capacite a todos para enfrentar os problemas socioambientais.

REFERÊNCIAS

APARICI, R. **Educomunicação: além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação [livro eletrônico]: **o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio** / Ismar de Oliveira Soares.-São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção educomunicação).

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. **Constituição da República federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constui%c3%A7ao.htm. Acesso em 15 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da educação. **Educação Ambiental: aprendizes de sustentabilidade**. Brasília:Secad/ MEC 2007b. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental.pdf>. Acesso em: 14/06/2020.

BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)**. Ciências da Natureza e Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. **Resolução nº 2 de 15 de junho de 2012**. Estabelece as diretrizes curriculares nacionais para a educação ambiental Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. MEC/SEF. Disponível em: http://portalmeec.gov.br/dmdocuments/rcp_002-12.pdf. Acesso em 28 out. 2019.

CARLSSON, U; FELITZEN, C. **A criança e a mídia: imagem, educação, participação**. Brasília: Cortez, 2002.

CARVALHO, I.C de M. **Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação**. Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília. Ministério do Meio Ambiente, 2006.

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2004.

COMPIANI, M. Contribuição para reflexões sobre o panorama da educação ambiental no ensino formal. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Panorama de educação ambiental no ensino fundamental**. Secretaria de Educação Fundamental/ Coordenação geral de Educação Ambiental. COEA, Brasília: MEC/SEF, 2001.

COSTA, F. de A.M. da. **Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação**. Brasília. Ministério do Meio Ambiente, 2008. Disponível: http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/-arquivos/txbase_educom_20.pdf. Acesso em: 29 nov.2019.

DICKMANN, I. **Formação de educadores ambientais:** contribuições de Paulo Freire. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

ELIAS, L dos S. **A educomunicação e o processo de desenvolvimento do protagonismo infanto-juvenil.** Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
FARIA, E de F; FELICIANO, L.A; MIRANDA J.C.S. **Educomunicação:** nova vertente da educação em São José dos Campos. XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica. VIII Encontro Latino Americano e Pós-Graduação da Universidade do Vale da Paraíba, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental-** a conexão necessária. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

GUIMARÃES, M. **Dimensão ambiental na educação.** 5 ed. Campinas: papirus, 2007.

KAPLÚN, M. Uma pedagogia da comunicação. In: APARICI, R. **Educomunicação para além do 2.0.** São Paulo: Paulinas, 2014.

KONDRAT, H; MACIEL, M.D. Educação ambiental para a escola básica: contribuições para desenvolvimento. **Revista Brasileira de Educação,** v.18, n.55, 2013.

LACOSTE, Y. **A geografia:** isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 18 ed. Campinas: Papirus, 2010.

LIBÂNEO, J.C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LINDOSO, L de C. **Comunicação e unidades de conservação:** fundamentos para uma nova prática. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, 2008. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2008/recursos/R3-1760-1.pdf>. Acesso em: 29 novembro de 2019.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexibilidade, poder.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LOUREIRO, C.F.B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental.** São Paulo: Cortez, 2012.

MOREIRA, B.D; SILVA, M.L. **A educomunicação e a educação ambiental no espaço escolar.** Cuiabá, 2013.

OLIVEIRA, L.F.R. **Vozário no ar:** simbólico e reprodução uma análise das relações que envolvem o projeto Rádio Escola. Universidade de Uberaba, 2014.

PEDRON, N de A; ROSA, M.B da. **Educação ambiental em escolas: sensibilizando professor de pequenos municípios.** Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2011.

PELICIONI, M.C.F; PHILIPPI, A. **Educação ambiental e sustentabilidade.** Barueri: Manole, 2005.

REIGOTA, M. A educação ambiental frente aos desafios apresentados pelos diversos contemporâneos sobre a natureza. **Educação & Pesquisa.** São Paulo, v.36, n.2, mai/ago, 2014.

REIGOTA. **Meio ambiente: representação social e prática pedagógica.** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

REMÍGIO, I.G.L. **A geografia na educação ambiental.** Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 7 ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA, C. et al. **A construção de identidades através das ferramentas das redes sociais.** VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação. Fortaleza, 2014.

SILVA, C.C.M.B; TAVARES, H.M. Educação ambiental e cidadania. **Revista Católica, Uberlândia,** v.1, n.2, 2009.

TAMAIO, I. **O professor na construção o conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental.** São Paulo: Annablume, WWF, 2002.

TASSARA, E. **Dicionário socioambiental: ideias, definições e conceitos.** São Paulo: FAART, 2008.

TOZONI-REIS, M.F. de C. Contribuições para a pedagogia crítica de educação ambiental: reflexões teóricas. In: LOUREIRO, C.F.B. **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação.** Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

TERRA, A Carta da Terra. 2000. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/carta_terra.pdf. Acesso em: 11 de Maio de 2020.

MEDEIROS, Monalisa Cristina Silva. RIBEIRO, Maria da Conceição Marcolino. FERREIRA, Catyelle Maria de Arruda. Meio Ambiente e Educação Ambiental nas Escolas Públicas. **Âmbito Jurídico,** 2011. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-ambiental/meio-ambiente-e-educacao-ambiental-nas-escolas-publicas/>. Acesso em: 24 de Outubro de 2020.